



16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

## GRAU ZERO DO FIGURINO: APRENDER NA D'OBRA


Hoffmann, Ana Cleia Christovam; Doutora., Universidade Feevale,  
hofana@gmail.com<sup>1</sup>

### RESUMO

A partir da perspectiva semiológica de Roland Barthes e por meio do pensamento geofilosófico de Gilles Deleuze e Félix Guattari, o projeto performático Sulcos apresenta como objetivo principal a discussão das matérias em fluxo que passam pelo corpo em performance. Ao problematizar estudos da produção de figurino e pensar as matérias da sua criação, a pesquisa que compõe a tese de doutorado em Educação se fez por dobras, dobras sobre obras, dobras sob dobras. Apresenta ondulações históricas que ora se estratificam, ora desestratificam. O corpo biográfico e a produção artística da Performance Sulcos atuaram como intercessores para pensar a construção do conceito *grau zero do figurino*. Um conceito, embora seja um incorporeal, se efetua nos corpos. Portanto, há uma dimensão ético-estética acerca dos movimentos e panos que compõe o figurino. No corpo, este agrupamento de potências, faz toda uma política: a tríade performance, figurino, aprendizagem mostra a poética do corpo que vive e se inscreve em um espaço de criação. São quatro séries performáticas: Sulco Branco (2017), Sulco Preto (2017), Sulco Vermelho (2019 e 2020) e Sulco Dourado (2020). As cores, assim como na pintura, compõem ritmos, sensações, catástrofes, que ora agarram o caos ora tentam fugir dele, cujo esforço espiritual está na ascense praticada pelo corpo do performer. Durante o fazer da performance é o próprio corpo que se faz partir do figurino. Ao pensar o drapeado e a sua construção é necessário um “ponto de apoio” principal que no caso da série de performances, localiza-se na cabeça; e o “gerador” que determinará os tipos de drapeados. A partir do gerador se é suscetível a todo tipo de força à medida que se dobram os tecidos. A “vestimenta viva” não é só viva por habitar o corpo. Mas, mesmo fora do corpo,

---

<sup>1</sup> Doutora e mestra em Educação (UFRGS), Especialista em Pedagogia da arte (UFRGS), graduada em Design de Moda (Universidade Feevale) membro do corpo docente do Curso de Moda da Universidade Feevale. Produtora de moda, figurinista e performer.



16ºCOLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

assume uma presença fantasmática, uma vida própria, que por si só pode ser erótica, poética e política. Aprender na d'obra e sua força atravessa a produção sígnica do corpo, tanto em suas desconstruções, quanto no prazer da aprendizagem, que se torna singular, aberrante ao modo de Lapoujade e paradoxal, em torno de um possível grau zero do figurino. Ao modo maneirista, toca a escritura barthesiana quando nas maneiras tudo é fluido. Se para Deleuze "A espontaneidade das maneiras substitui a essencialidade do atributo", para Barthes, o grau zero era uma "forma que pode variar com a própria história", enquanto, com os clássicos, a "forma não podia ser dilacerada". Este pensamento mostra que o conteúdo das formas, importa menos que sua translação, que o coloca em variação contínua. "Fluxos vestimentares" nos quais corpos elaboram imagens extemporâneas, cujas corporeidades surgem da abertura de territórios sensíveis. A matéria em fluxo do grau zero do figurino não receia ser livre. O manto não se deixa capturar. Ao revés da estratificação das formas se emite signos-partículas, que não se sustentam. Inapreensível, chega ao ponto zero da desfiguração, ação que não representa, mas se exprime pelo apresentar.

**Palavras-chave:** dobra; grau zero; performance

